

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

## MANIFESTAÇÃO LITERÁRIA E EXCLUSÃO SOCIAL: DOIS ATOS DA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DA LITERATURA MARGINAL

### *LITERARY MANIFESTATION AND SOCIAL EXCLUSION: TWO ACTS OF THE FORMATION OF THE IDENTITY OF THE MARGINAL LITERATURE*

Luiza Bedê Barbosa<sup>1</sup>

Bruno Perozzi da Silveira<sup>2</sup>

Sérgio Luiz Gusmão Gimenes Romero<sup>3</sup>

**RESUMO:** Pretende-se neste trabalho analisar, sob a perspectiva bakhtiniana, enunciados verbo-visuais que fazem menção à literatura marginal brasileira contemporânea. A seleção dos enunciados privilegiou aqueles que se destacaram quanto à identidade dessa literatura, ou seja, enunciados que mostram de que espaço social é esta literatura e por quem ela é feita. O corpus se constitui de duas capas das edições especiais da revista Caros Amigos sobre a literatura marginal publicada entre os anos de 2001 a 2004.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade; ideologia; literatura marginal.

**ABSTRACT:** It is intended in this paper to analyze, from Bakhtin's perspective, verb-visual enunciations which refer to literatura marginal. The selection of enunciations privileged those that stood out about the identity of this literature, that is, enunciations that show that social space is this literature and by whom it is made. The corpus is constituted of two layers of special editions of the magazine Caros Amigos about literatura marginal published between the years 2001 to 2004.

**KEYWORDS:** identity; ideology; marginal literature.

#### *Introdução*

Na década de 1970, o sociólogo brasileiro Octavio Ianni foi convidado pela Companhia Editora Nacional, para organizar uma compilação de textos sobre estratificação social. Deste convite, surgiu o livro “Teorias da Estratificação social”, que traz textos de diversos autores, dentre eles Karl Marx, Wright Mills, Max Weber e Georg Lukács. Na introdução do livro, Ianni destaca que, ao buscarmos a compreensão das diferentes formas de estratificação social, é necessário que tenhamos como orientação os aspectos da apropriação econômica e da dominação política, intrínsecas aos modelos de estratificação social. Mas, alerta o sociólogo, não devemos relevar a importância que outros elementos – como a religião, a tradição, etnia, a cultura, etc. – têm ao atravessar as determinações da economia e da política.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP-Araraquara/ CAPES. E-mail: luiza\_bede@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais na UNESP-Araraquara. E-mail: brunoperozzi@ibest.com.

<sup>3</sup> Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNESP-Araraquara. E-mail: sergioejoyce@hotmail.com

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Quando se estuda a estratificação social, enquanto origem das desigualdades, o problema da violência aparece de modo mais claro, como característica estrutural da sociedade estratificada, em específico, da contemporânea sociedade de classes sociais.

Desse modo, não podemos deixar de buscar as origens econômicas, políticas e sociais da violência, tampouco podemos relevar as diversas manifestações culturais dos excluídos, como forma de protesto e denúncia, uma expressão cultural daqueles que são marginalizados. Mais do que a compreensão dos aspectos sistêmicos da desigualdade, é importante que nos debrucemos sobre os aspectos endêmicos da desigualdade e violência. Assim, ao analisarmos os enunciados verbo-visuais relacionados à literatura marginal, buscando a compreensão de como, por meio da expressão literária e artística, o problema da desigualdade é apresentado e percebe-se como a identidade dessa literatura surge dos embates entre esses sujeitos com os problemas sociais que os assolam.

A literatura marginal destaca-se por sua característica intrínseca, pela estética e pela ética de quem sofre da exclusão, pela tomada do campo literário por aqueles que, a partir da urgência de sua situação econômica, frente ao abandono do estado e a invisibilidade perante a sociedade, se manifestam.

Desse modo, o que propomos neste trabalho é uma análise de enunciados verbo-visuais relacionados à literatura marginal brasileira contemporânea. Nesse sentido, focalizamos duas capas das edições especiais, nomeador por atos, da revista *Caros Amigos* sobre a literatura marginal publicadas entre os anos de 2001 e 2004. A seleção desses enunciados pauta-se pela possibilidade de reflexão acerca da identidade dessa literatura, ou seja, pela forma com que delineiam seu espaço social e seus atores discursivos.

#### *Arte e ideologia: apontamentos teóricos*

Compreender a junção da arte e vida no sujeito é entender as relações ideológicas que são permeadas, atravessadas, confrontadas por todo momento na cultura humana materializadas nos signos ideológicos que são elementos linguísticos que fazem parte da interação social e refletem/refratam a realidade de um determinado ponto de vista.

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois *atos* da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2010), há o exemplo célebre de signo ideológico: o instrumento de trabalho, o martelo, enquanto material no sentido físico, possui um significado, uma função, porém pode ser transformado em um signo ideológico ao se tornar uma representação, por exemplo, de um partido político ou um emblema da União Soviética.

A partir do momento em que o signo ideológico assume o sentido de um determinado grupo ou contexto, refratará outra realidade, a realidade da ideologia.

*As leis dessa realidade são as leis das comunicações semióticas e são diretamente determinadas pelo conjunto de leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 36 – grifos nosso.)*

Assim, a realidade da ideologia não está apenas presente de forma marcante na produção de sentido da realidade concreta, mas ela é intrínseca à comunicação social, as ideologias perpassam tanto a vida concreta como a arte. Ora, se a arte como a vida é projetada por signos ideológicos referentes e determinados por *um conjunto de leis sociais e econômicas*, logo estes signos tornam-se passíveis de ampla interpretação social, concreta, viva, sendo imprescindível um estudo do sistema econômico, histórico, social e, sobretudo, dialético para entender de que modo se dá a produção de sentido tanto da vida quanto da arte.

Karl Marx e Friedrich Engels, em uma importante obra de 1848, denominada *A Ideologia Alemã* (2002), analisam a produção intelectual alemã a partir do ponto de vista do materialismo-histórico. Ou seja, ao buscarem as condições históricas dos modos de produção da modernidade, os autores identificam o papel das superestruturas (ideologia, filosofia, ciência), na manutenção e reprodução do sistema econômico e político.

É importante destacar que Marx e Engels, aos discorrerem sobre a ideologia, afirmam que essa tem um papel ativo na manutenção da sociedade cindida em classes. Ao naturalizar as relações de exploração e alienação do trabalho, ocultando sua origem na apropriação privada dos meios de produção, a ideologia acaba por dissolver a crítica e impedir a tomada de consciência por parte dos explorados, em um ciclo vicioso.

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparece, aqui, como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo vale para a produção espiritual, tal como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. A consciência [Bewusstsein] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [bewusste Sein], e o ser dos homens é o seu processo de vida real. Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico. (MARX e ENGELS, 2002, p.93-94)

Em uma sociedade em que a luta de classes é incessante, em que a classe dominante, a burguesia, opera de forma categórica o poder da ideologia afluyente – é importante destacar que para Marx e Engels as ideologias só são passíveis de execução na classe dominante, como forma de dominação – já que apenas essa classe detém os bens materiais e os meios de produção, assim, cabe à classe dominada se reconhecer enquanto oprimida, perceber a repressão social que sofre, criticar a manipulação imposta e criar novas formas de produção e, quiçá, uma nova ordem de organização social.

O signo extraído da luta tensa de classes, que se encontra do outro lado da luta de classes, será inevitavelmente atrofiado, degenerará em alegoria, torna-se-á objeto de compreensão filológica e não de interpretação social viva. A memória histórica da humanidade é cheia de tais signos mortos que não conseguem ser a arena de confrontação de acentos sociais vivos [...] Mas é exatamente aquilo que torna o signo ideológico vivo e mutável, o mesmo que faz dele o meio de refração e de deformação do ser. A classe dominante visa atribuir signo ideológico um caráter eterno, destituído de classe, e atenuar ou recalcar a luta de acentos sociais que ocorre nele, para considerar um acento único (*monoakcentrism*). (VOLOCHÍNOV *apud* TCHOUGOUNNIKOV, 2003, sem paginação.)

O signo verbal, na ideologia acabada e dominante, por sempre responder aos interesses da classe é sempre reacionário, centrípeto, pois falta-lhe o acento social (TCHOUGOUNNIKOV, 2003, sem paginação), porém, muito embora tenhamos uma

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

classe dominante que pretende silenciar todas as contradições sociais, é no signo ideológico que encontramos brechas para a transformação, pois o signo ideológico não possui um único sentido, e sim um traço de “pluriacentuação” (PONZIO, 2011, 137), é nele que se entrecruzam acentos ideológicos que seguem tendências diferentes, é nele que percebemos a luta de classe.

Os signos ideológicos pertencentes a determinadas classes sociais refratam a realidade compatível com a vida vivida, esta refração pode ser feita por meio de afirmação da classe social à qual o sujeito pertence ou por negação da classe a que o sujeito não pertence, assim “as classes sociais encontram expressão e realização nas ideologias” (PONZIO, 2011, p. 116) por meio dos signos ideológicos.

A palavra concreta, e não sua abstração em nível de dicionário, é sempre ideológica; forma-se e se modifica em um determinado contexto de valores que estão dialeticamente unidos às condições materiais da vida e à divisão do trabalho. Em uma sociedade dividida em classe, na linguagem refletem-se e são necessárias as contradições entre correntes ideológicas diferentes e, ainda que prevaleça a da classe dominante, esta nunca consegue eliminar de todas as outras correntes ideológicas. (PONZIO, 2011, p. 137-138)

Assim como na ciência marxista das ideologias, todos os produtos da criação ideológica – a literatura, trabalhos científicos, cerimônias religiosas, entre outras manifestações artísticas e políticas – são, para Bakhtin, necessariamente pertencentes à realidade que circunda o homem; esta realidade ideológica não está em um plano diferente da vida concreta, ela se realiza materialmente na vida vivida, em material elaborado pelo homem.

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidades ideológicas somente quando realizados nas palavras, ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 49).

Tudo o que é ideológico encontra-se no âmbito da vida, — assim como Medviédev afirma em *O método formal nos estudos literários*: “o meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa” (2012, p. 56). Assim, a ideologia *exteriormente expressa* se dá tanto por meio

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

dos modos que o sujeito se comporta e/ou na forma em que manifesta suas concepções de mundo, quanto por meio dos signos ideológicos, na obra artística. Ou seja, a arte e a vida são costuradas, uma à outra, pelo fio ideológico, se desmembradas ficará impossível entender a construção de sentido contido na obra artística.

O diálogo entre arte e vida torna-se cada vez mais aparente, conforme vemos as relações mútuas que uma age sobre a outra, afrontando, afirmando, negando-a, mais do que isso, a vida reflete e refrata as esferas ideológicas como a ética, doutrinas políticas, religião na arte, assim como a arte reflete e refrata, à sua maneira, seus valores ideológicos, provenientes de uma determinada classe social, na vida. A arte transmite “horizontes ideológicos de um senhor feudal, de um grande burguês, de camponês ou de um proletário” (MEDVIÉDEV, 2012, p.61).

Esta refração, da vida para a arte e vice-versa, só é passível de análise e assimilação se levarmos em conta as relações ideológicas do conteúdo da obra artística, do enunciado juntamente com as relações sociais de produção.

Assim, quando nos deparamos com os enunciados selecionados para a análise deste trabalho, tendo em vista os estudos destacados, vamos considerar as relações que eles possuem com a realidade concreta, ou seja, como a realidade concreta define o modo de operação destes enunciados por meio das suas nuances específicas. Por exemplo, a presença marcante da violência, do que está fora da lei, nos enunciados é baseada no âmbito da vida, na realidade dos sujeitos que são marginalizados socialmente. Do mesmo modo que a arte, ao ressignificar a presença da violência nas periferias, por meio dos seus traços específicos de manifestação, utiliza a memória constituída socialmente para articular a sua expressão.

#### *Ato I: Do cânone ao cotidiano das periferias*

Na capa do Ato I da revista *Caros amigos/literatura marginal*, assim como nos outros dois atos publicados posteriormente pela editora Casa Amarela, encontramos elementos que se destacam quanto aos diferentes âmbitos de marginalidade que assolam os sujeitos vinculados à literatura marginal. Depreendemos como significação do enunciado, expresso pela capa do ato I (Figura 1), os seus elementos constituintes, bem como a disposição em que se apresentam. Assim, temos a palavra “Literatura” grafada

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

na parte superior da capa em uma forma de escrita que nos parece ser improvisada, feita com o que aparenta ser giz. Entre as letras, todas escritas em maiúsculas, destaca-se a letra “t”, cuja gravura faz menção explícita à cruz enquanto símbolo religioso, mais especificamente, cristão.

O escrito apresenta-se sobreposto a uma superfície de madeira na qual é possível identificar os sulcos típicos de um assoalho. Logo abaixo, sobre a mesma superfície, vemos um livro com páginas amareladas e com os escritos bem apagados. Em sua página esquerda, temos os termos “literatura marginal”, escritos em vermelho. Há, em cima deste escrito, uma caneta de pena, da qual escorre a tinta vermelha usada para redigir a expressão mencionada. Na página direita do livro, temos um desenho côncavo, que percorre todas as páginas do livro; a forma da cavidade assemelha-se à letra “L”, em uma sugestão evidente do debuxo de uma arma de fogo. Introduzida na concavidade, temos uma rosa, vermelha e com duas folhas. Abaixo do livro, sob o pavimento e escrito com letras recortadas de papel, temos o enunciado “marginal”. Em todo o entorno, temos uma penumbra que nos dá a impressão de que todos os elementos que compõem a capa da revista são vistos por uma fenda iluminada.

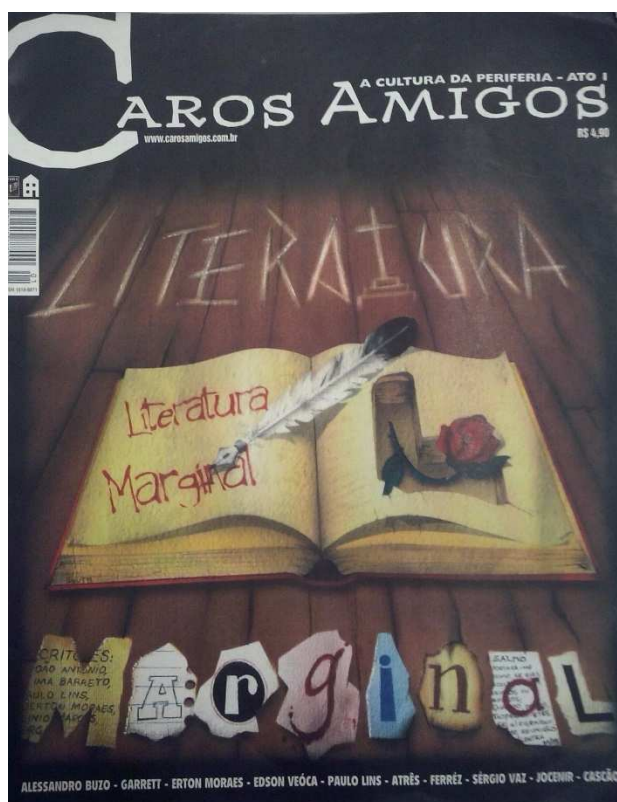


Figura 1 - Capa da revista Caros Amigos, ato I

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Os elementos e objetos citados acima, bem como sua disposição na capa da revista, compõem a significação do enunciado; nenhum desses elementos produz sentido se analisado fora do contexto em que está sendo produzido, ou seja, a conjuntura em que se insere a literatura marginal. Assim, os elementos da significação servem como “aparato técnico para a realização do tema”. (BAKHTIN, 2010, p. 134).

Para analisarmos o tema do enunciado, ou seja, para avaliarmos, a partir da significação, as relações sociais, culturais e identitárias que esta capa produz por meio do processo de reflexão e de refração em outros enunciados, consideremos brevemente a presença de elementos que fazem menção à criminalidade, àqueles sujeitos que se encontram à margem da lei.

Roberto Schwarz, em ensaio acerca do romance de Paulo Lins, *Cidade de Deus*, afirma que:

[...] a sociedade atual está criando mais e mais “sujeitos monetários sem dinheiro”, esses sujeitos vivem na mesma sociedade que nós e estão longe de representarem o atraso, ao contrário, eles são resultado do progresso, o qual naturalmente qualificam. (SCHWARZ, 1999, p. 171).

O conceito de *sujeitos monetários sem dinheiro* foi desenvolvido pelo ensaísta alemão Robert Kurz (2004) e indica, precisamente, grupos sociais que, embora excluídos,

[...] são consumidores sem meios para consumir, o que os obriga a algum grau de ilegalidade, se não há emprego e tudo tem preço, como vão fazer? O paralelo com a categoria dos “agregados”, característicos de nosso século XIX escravista, é possível, se forem guardadas as diferenças. Também eles subsistiam no interior da economia monetária e meio à margem dela. (SCHWARZ, 2007)

A ilegalidade dos sujeitos (des)agregados da sociedade contemporânea, principalmente nos países periféricos, sempre esteve presente, de um modo ou de outro, na literatura brasileira (SCHWARZ, 2007). Ao longo de nossa história literária, ela materializou-se, entre tantos outros, nos textos de Gregório de Mattos, passando pelo teatro de Martins Pena ou pelo romance *Memórias de um sargento de milícias*, este notavelmente analisado por Antonio Candido no ensaio *Dialética da malandragem* (1970).

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois *atos* da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

É importante, neste ponto, ressaltarmos que “a realidade concreta com suas leis socioeconômicas exerce uma ação sobre todos os elementos da vida social e ideológica” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 74). Destarte, os fenômenos literários são determinados tanto de dentro quanto de fora do objeto estético. De dentro por meio das influências da própria literatura, ou seja, pela história da literatura, por exemplo, como indicado anteriormente; de fora, pelas influências externas à literatura, como a presença de personagens “marginais” no texto literário. Já que vivemos em uma sociedade capitalista e, portanto, excludente, as influências socioeconômicas, externas ao texto literário (se é que devemos chamá-las assim), engendram a temática, delineiam a forma. Assim, a teoria bakhtiniana entende que as influências internas se tornam externas e vice-versa.

Os sujeitos vinculados à literatura marginal e/ou os protagonistas destes textos literários, em sua maioria, configuram-se, então, como “consumidores sem meios para consumir” (KURZ, 1992), o que os leva, necessariamente, à prática de atos pertencentes ao âmbito da ilegalidade; esta característica aparece de forma marcante nos textos da literatura marginal e nos enunciados verbo-visuais que a ela se referem.

Segundo a perspectiva bakhtiniana, a relação entre a arte e a vida é permeada, atravessada, confrontada, a todo momento, pelas ideologias que definem a cultura humana por meio dos signos ideológicos. Assim, partindo das reflexões feitas até este momento e tendo em mente que o signo ideológico é a ponte entre a arte e a vida, analisamos a capa do ato I privilegiando a condição de ilegalidade dos sujeitos vinculados a esta literatura.

O desenho côncavo, que perfura as páginas de um dos lados do livro aberto no centro do enunciado, possui uma forma que sinaliza clara referência a um revólver. A arma, geralmente inacessível a cidadãos comuns, constitui um símbolo usual de associação à criminalidade, ao crime organizado, ou à prática de apoderar-se dos bens de consumo daqueles que têm acesso eles.

Ao mesmo tempo, o livro com a sugestão simbólica do revólver, ou da ausência deste, em seu interior, pode nos remeter à literatura como engajamento político e social, como aquilo que transforma por meio do confronto, do embate armado; do livro e da palavra enquanto expedientes de combate. Por este viés, podemos apreender outra temática basilar da literatura marginal: o seu caráter contestatório e reivindicatório.

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois *atos* da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Consideremos, destarte, o conceito de signo ideológico (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010). Assim como o martelo é um instrumento de trabalho, detentor de um significado, de uma função, e pode ser transformado em um signo ideológico ao se tornar representação de um partido político; o revólver, ou sua ausência, neste enunciado, também pode ser entendido como signo ideológico, já que embora sua função, no Brasil, seja pautada pelo uso exclusivo do Estado ou da segurança privada, no enunciado em questão, devemos entendê-lo como a representação físico-material das contradições sociais e das distintas formas de se apropriar do acesso material aos bens de consumo. Observar os diferentes sentidos que o mesmo objeto pode ter em diferentes contextos de produção exemplifica o modo pelo qual as ideologias estão nele projetadas, assumindo, diversamente, funções estéticas, científicas, religiosas, políticas.

Outro aspecto interessante a ser considerado é o fato de o livro ser representado não somente enquanto objeto utilitário, mas, de certo modo, como cúmplice daqueles que se encontram na ilegalidade. O livro, símbolo da dominação, do poder e da ilustração da burguesia durante séculos é, assim, cooptado e ressignificado neste enunciado.

Parece-nos conveniente, neste ponto, evocar Adorno<sup>4</sup>:

Não apenas o sujeito lírico incorpora de modo decisivo o todo, quanto mais adequadamente se manifesta, mas antes a própria subjetividade poética deve sua existência ao privilégio: somente a pouquíssimos homens, devido as pressões da sobrevivência, foi dado apreender o universal no mergulho em si mesmos, ou foi permitido que se desenvolvessem como sujeitos autônomos, capazes de se expressar livremente. Os outros, contudo, aqueles que não apenas se encontram alienados, como se fossem objetos, diante do desconcertado sujeito poético, mas que também foram rebaixados literalmente à condição de objeto da história, têm tanto ou mais direito de tatear em busca da própria voz, na qual se enlaçam o sofrimento e o sonho. (ADORNO, 2003, p. 76-77)

É a partir do próprio contexto de reificação a que foram submetidos, que os sujeitos “tateiam em busca da própria voz”; uma canção deveras dissonante e destoante do cânone hegemônico da nossa literatura. Na literatura marginal, o discurso constitui-se como expressão de classe à medida em que reverbera “o sofrimento e o sonho” que configuram a materialidade de sua experiência.

---

<sup>4</sup> A despeito de o texto adorniano versar sobre a relação entre a lírica, em específico, e a sociedade, mostra-se frutífero estender sua reflexão para a literatura e as expressões artísticas de maneira abrangente, como, aliás, tornou-se prática comum nos estudos literários.

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Voltando ao enunciado, além da arma, outro elemento que nos remete a atitudes que estão dentro do âmbito da ilegalidade são as letras recortadas de livros, jornais, revistas que, juntas, formam a palavra “marginal”. Esse modelo de configuração da palavra, por meio de recortes, é recorrente em filmes policiais e de suspense; tal artifício é normalmente utilizado quando há o objetivo de se fazer uma ameaça a alguém ou algum informe em que a autoria não possa ser identificada, já que dificulta a investigação policial, ficando impossível analisar a caligrafia do remetente.

Essas letras, dispostas de tal maneira que formam a palavra “marginal”, assumem um caráter de anonimato; é como se o(s) sujeito(s) que as produziu(ram) não pudesse(m) ou não quisesse(m) ser reconhecido(s) por fazer(em) parte de algo ilegal, marginal<sup>5</sup>.

Por outro lado, podemos compreender que esse anonimato – proveniente do ocultamento do sujeito autor da “palavra-crime” – insinua um “não-fechamento” da autoria. O “marginal”, portanto, assume um caráter coletivo, colocando-se como representação de uma classe que sofre com as mazelas da sociedade capitalista, que transmuta a maioria massiva em minorias oprimidas.

A palavra “marginal” dá continuidade à palavra escrita acima: Literatura. A palavra literatura parece grafada de forma despojada e sem preocupação estética aparente. A forma como é escrita e o lugar que ocupa este grafema nos remetem às pichações praticadas por sujeitos que almejam algum tipo de destaque dentro de um determinado grupo, principalmente nas periferias urbanas. Wainer, em um artigo publicado na revista *Super Interessante*, ao discorrer sobre o fenômeno da pichação na cidade de São Paulo e sua relação com a marginalização de jovens das periferias, afirma que

[...] além de bonito, o ato de pichar é um efeito colateral do sistema. É a devolução com o ódio, de tudo de ruim que foi imposto ao jovem da periferia. Muitos garotos tratados como marginais nas delegacias, mesmo quando são vítimas, ridicularizados em escolas públicas ruins e obrigados a viajar num sistema de transporte de péssima qualidade devolvem essa raiva na forma de assaltos, seqüestros e crimes. O pichador faz isso de uma

---

<sup>5</sup> A marginalidade desta literatura está estampada na letra “m”, nela, encontramos nomes de escritores brasileiros contemporâneos e alguns nomes de autores do século XX que, de alguma forma, representam e representavam no texto literário a experiência dos sujeitos mais humildes, mais simples da sociedade. Aqui, novamente, destacamos o processo de construção da literatura, de dentro para dentro (MEDVIÉDEV, 2012), ou seja, a literatura se formando, se baseando em outros textos, de outros momentos para construir a sua própria identidade enquanto literatura.

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois *atos* da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

maneira pacífica. É o jeito que ele encontrou de mostrar ao mundo que existe. (WAINER, 2005, p. 98)

Além da pichação<sup>6</sup> ser um fenômeno culturalmente marginal, elaborado por sujeitos, em sua maioria, das periferias<sup>7</sup>, com pautas e traços estéticos específicos, está também diretamente ligada à ilegalidade, por ter sua proibição regulamentada pelo Código Penal Brasileiro, nos crimes contra ao patrimônio público. (BRASIL, 1940)

No contexto da formação da identidade da literatura marginal, a sugestão da pichação neste enunciado, especificamente, faz com que relacionemos, por meio do diálogo, esta literatura com a cultura do hip-hop e com suas demandas culturais, estéticas e éticas específicas.

Encontramos, ainda, na capa do ato I, da revista Caros Amigos, alguns outros elementos que nos remetem à realidade concreta desses sujeitos, como a cruz, a flor vermelha e a tinta também vermelha que cai sob o livro.

É interessante notar que a representação deste símbolo maior da religião cristã perfaz-se aqui de uma maneira específica; a cruz representada na capa da edição analisada é tradicionalmente chamada de “cruz do calvário”. Destarte, essa especificidade iconográfica projetada, no enunciado em questão, não os aspectos redentores ou soteriológicos da simbologia da cruz, mas o que ela exprime em termos de sofrimento, opróbrio e imprecação. Assim, de acordo com a tradição católica:

No calvário, porém, a cruz não estava envolta em rosas, mas banhada em sangue vivo; nem era símbolo de honra ou de distinção, mas patíbulo e sinal de desonra, de ignomínia e de maldição. Naquela cena nada havia de estético e de belo; mas, aos olhos do passante, tudo era horrível, inconveniente e perverso. Nem os discípulos nela descobriram algo de atractivo; e debandaram perplexos e escandalizados. A crucificação era para os romanos a pena mais ingnominiosa. Cícero descreve-a como o «suplício mais cruel e tético»; «o máximo e extremo». Escreve ele, «o próprio nome da cruz fique longe, bem longe (absit), não só do corpo dos cidadãos romanos, mas até do pensamento, dos olhos e dos ouvidos» (Pro Rabirio, 5, 16). Tácito caracteriza a morte na cruz como «turpíssima» (Hist. 4,3,11; ThWNT, VII 573). A pena capital da crucificação era reservada aos escravos fugitivos (servile supplicium) e aos estrangeiros rebeldes ou subversivos. (FERREIRA, 1984, p. 4)

---

<sup>7</sup> Aqui cabe a discussão sobre a luta do grafite, por exemplo, ser considerado arte.

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois *atos* da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Nesse sentido, o símbolo da cruz tal como está grafado nos remete também à representação da conjuntura de exclusão, sofrimento e morte a que os sujeitos em questão estão condicionados.

Essa proximidade com a morte, materialidade nua e crua nas periferias brasileiras nas quais o índice de assassinatos e mortandade por insalubridade e subnutrição, entre outros fatores, é altíssimo, erige-se enquanto protesto e agonia, como um alerta ao resto da sociedade acerca da pesada cruz que os moradores da periferia têm de carregar cotidianamente. A literatura marginal insere aqui o calvário como alerta e rememoração.

A flor vermelha, ocupando o compartimento em formato de arma recortado nas páginas de um livro, pode também nos remeter à morte. Símbolo amiúde presente em velórios e em cemitérios, a flor é colocada estrategicamente no instrumento gerador da morte. Outra hipótese de leitura, que não anula a primeira, é que a flor vermelha, sanguinolenta, substitui a arma ausente. Por outro lado, pode-se compreendê-la enquanto símbolo de sensibilidade, de escolha de um caminho avesso ao crime, de redenção. As leituras se cruzam, se interpenetram, se complementam; a marginalização permanece.

Do mesmo modo, a tinta vermelha que escorre da pena nos alerta para o sangue que escorre nas vielas e ruas das periferias, para a violência sintomática banalizada, resultante da pobreza e da exclusão. É este “sangue” que escreve as palavras “Literatura Marginal”, evidenciando seu caráter visceral, produto do sofrimento das periferias.

Embora a literatura marginal queira se afastar da literatura canônica, pelo abismo ideológico e representativo que as separa, na capa da revista encontramos indícios que nos remetem ao cânone. Tanto o livro sobre a mesa, quanto a caneta de pena relacionam-se, simbolicamente, às correntes literárias tradicionais.

O livro, artefato de elevado custo no mercado e distintivo das classes mais privilegiadas desde sua gênese, assim como a caneta e a pena são símbolos do poder de escritores e de leitores preocupados com a erudição. Assim, percebemos que mesmo os escritores marginais estão constantemente fazendo menção à literatura canônica.

Elementos que são comumente utilizados pelos escritores que prezam pela erudição e pela tradição são muitas vezes adotados nos enunciados que fazem menção à literatura marginal. Isso demonstra, de certa forma, uma apropriação desses elementos,

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois *atos* da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

da palavra escrita e da tradição literária por esta *outra* literatura, apesar da eminente preocupação de se afirmar a cisão irreconciliável entre ambas.

Porém, mesmo que esta literatura e os sujeitos a ela ligados façam questão de se distanciar da tradição literária, podemos perceber, por meio dos enunciados analisados, a relação evidente que há entre essas “diferentes literaturas”. Ou seja, as diferentes vozes dos *outros*, tanto do semelhante quanto do díspar, inscrevem sua presença no discurso. Esse movimento parece se dar ora por uma questão de afinidade política e social, fruto da exploração e exclusão de uma parcela da população, ora por almejar a visibilidade cultural de todas as classes sociais e por desejar aquilo que o *outro* acessa, por meio da exploração e da exclusão social.

Essa relação dialética entre duas correntes literárias tão díspares parece estar no seio mesmo da construção histórica e social da literatura. Nas palavras de Antonio Cândido:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudicial, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (2011, p. 177-8)

O diálogo, portanto, está montado. A dinâmica estabelecida com a erudição, com o cânone literário, por meio dos elementos presentes nos enunciados, faz com que percebamos as mútuas relações que são constituídas, atravessadas pela alteridade, pelo *outro*. Na literatura canônica, talvez, não se reivindicassem as pautas propostas pela literatura marginal. Todavia, o cânone não é utilizado como algo a ser alcançado e muito menos como uma literatura descartável, ela é o *outro* que, por meio do contato, do choque, suscita novos movimentos culturais, novas formas de produção literária, novas percepções, novos horizontes de possibilidades.

## *Ato II: Marginalização e reclusão*

Os diferentes âmbitos da marginalidade se fazem presentes na capa do ato II por meio dos traços marcantes da violência, do sague e do caráter funesto indicado pelo

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois *atos* da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

corpo caído no inferior da capa. No centro, em destaque, temos um livro aberto ao meio com a página da superfície destacada; é possível ver três buracos, deles escorre um líquido vermelho que perpassa as páginas do livro e escorre até a parte inferior da revista, em que vemos um corpo caído de braços cujos pés e mão apenas estão descobertos.

Nas laterais entre o livro e o corpo, vemos partido em dois pedaços um fragmento de papel em que está inscrito, do lado direito, “ato II” e, do lado esquerdo, “terrorismo literário”, bem como as siglas “N.P.N.”; tais superfícies estão, ainda, (mal) fixadas por pregos tortos. A disposição dos elementos na capa está determinada pela conjuntura de duas grades que se abrem nas bordas laterais. Há, assim como no *ato I*, um feixe circular de luz amarelada que abarca o registro da expressão “literatura marginal”. Acima, já na penumbra do feixe de luz, vemos escrito em vermelho o nome da revista *Caros Amigos* e *A cultura da periferia ato II*.

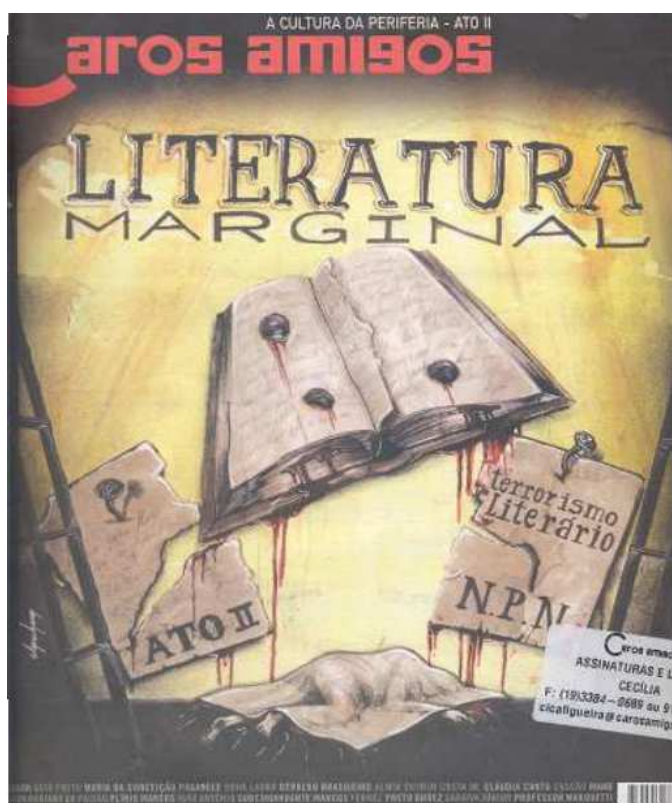


Figura 3 - Revista Caros Amigos – Ato II

As grades abertas presentes na capa do *ato II* refletem e refratam a realidade dos sujeitos que possuem uma relação com a literatura marginal. A grade, elemento

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

contrário à liberdade, nos remete aos encarcerados, àqueles que nas prisões, local para onde são forçosamente enviados para a reclusão e punição indivíduos que se colocaram à margem da lei. Nesse sentido, a prisão, na sociedade moderna, ressignifica o sentido histórico da pena por reclusão. A prisão separa o indivíduo da sociedade, exclui e marginaliza aquele que não se adaptou a lei e normas explícitas e implícitas. Mesmo que o sentido da pena seja pretensamente ressocializante, há, desde uma perspectiva positivista, que funda as diretrizes do encarceramento na modernidade – como substituição “humanizada” ao banimento e suplícios comuns da Idade média – um caráter de marginalização do sujeito encarcerado.

O sociólogo francês Philippe Combessie faz um profundo estudo do sentido moral e jurídico da prisão em sua obra “*Sociologie de la Prison*”(2001). Apelando para autores que fundam o direito moderno, bem como para a perspectiva de Émile Durkheim, Combessie afirma que o encarceramento moderno aglutina as características morais da penitência cristã, bem como o sentido político de neutralização do opositor. O sistema carcerário, portanto, que nasce junto com o Estado Moderno, tem uma clara função social de excluir aquele que não se adapta, como uma pena temporal e moral, retirando elementos de rebeldia e desajuste às normas estabelecidas. Nas palavras de Durkheim:

Não há dúvida de que quando a ela me conformo de boa vontade, esta coerção não se faz, ou faz-se pouco sentir, por inútil. Porém, não é por isso uma característica menos intrínseca de tais fatos, e a prova é que ela se afirma logo que eu procuro resistir. Caso tento violar as regras do direito, elas reagem contra mim de modo a impedir meu ato, se ainda for possível, ou a anulá-lo e a restabelecê-lo sob a sua forma normal, se já executado e reparável, ou a fazer-me expiá-lo se não houver outra forma de reparação. E caso trate de máximas puramente morais? A consciência pública reprime todos os atos que as ofendam através da vigilância que exerce sobre o comportamento dos cidadãos e das penas especiais de que dispõe. (DURKHEIM, 2007, p.32)

O cárcere, bem como os encarcerados constituem, de fato, um eixo temático fundamental na literatura marginal. A constante presença do universo da prisão nos enunciados relativos à literatura marginal é consequência da realidade concreta e do espaço social aos quais os sujeitos estão submetidos. A população carcerária no Brasil alcança o número de 715.655 detentos; a porção compreendida por jovens entre 18 e 34 anos, pobres, negros e com baixa escolaridade é de 73,83% do total. Mais da metade

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois *atos* da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

(66%) não chegou a concluir o Ensino Fundamental. Os números são ainda mais alarmantes se considerarmos que 47% estão encarcerados sem fundamentação legal e psiquiátrica; 21% cumprem internação além da estipulada pela sentença; sem contar o contingente internado há mais de 30 anos, contrariando a pena máxima admitida pelo regime jurídico brasileiro (UNESCO, 2009). Tais números evidenciam a marginalização da lei para com esses sujeitos; esse processo não se dá aqui por conta de os sujeitos estarem no mundo do crime, mas sim porque a lei, enquanto instituição da força motriz do Estado, não contempla tais cidadãos.

A prisão destitui o ser humano de um aspecto fundamental: a liberdade. E esse contraponto entre prisão e liberdade também se faz presente na capa da revista analisada. Entretanto, as grades que encarceram são as mesmas que libertam e, nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre aquilo que está sendo libertado no enunciado: o livro e tudo o que ele simboliza no contexto da literatura marginal.

Assim como no *ato* I, temos o livro como objeto central do enunciado, porém no *ato* II, além de estar no centro, temos o desdobramento dele no inferior da capa, em que vemos a página do livro rasgada sob o corpo estirado no chão. As grades abertas dão o sentido de liberdade ao livro esburacado.

O livro – signo e símbolo e erudição, poder e privilégio –, desde a revolução de Gutenberg em 1450, tem sido representado e relacionado à burguesia, já que seu acesso esteve, o mais das vezes, circunscrito a esta classe. Na verdade, não só o livro, mas todas as práticas que envolvem a leitura, mais especificamente o texto escrito, estão ligadas às camadas privilegiadas e, de algum modo, à burocracia, já que a escrita, e sua decodificação, constitui a chave de acesso ao judiciário, ao discurso médico, político etc.

Nesse sentido, a linguagem escrita tem sido alçada, simbolicamente, a uma esfera de sacralidade quase religiosa; como se o(s) “saber(es)” que ela encerra estivesse resguardado aos altivos detentores do poder da palavra. Evidentemente, a nada de “puro” ou “sagrado” nos remete o livro exposto na capa do *ato* II, muito pelo contrário, os tons escuros e a meia luz nos sugerem uma atmosfera de tragédia e morte. Porém, embora o percurso histórico do livro e da leitura nos remetam ao erudito, ao clássico e à burguesia, a leitura e prática da escrita é um conhecimento técnico desenvolvido por e

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois *atos* da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

para a humanidade e, assim, negá-las, tal como negar o objeto livro, é ignorar a história e, de certo modo, repetir o passado. Nesse sentido:

A cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem. Antes mesmo que fosse reconhecido o direito do autor sobre sua obra, a primeira afirmação de sua identidade esteve ligada à censura e à interdição dos textos tidos como subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas. Esta “apropriação penal” dos discursos, segundo a expressão de Michel Foucault, justificou por muito tempo a destruição dos livros e a condenação de seus autores, editores ou leitores. As perseguições são como um reverso das proteções, privilégios e recompensas ou pensões concedidas pelos padres eclesiásticos e pelos príncipes [...]. A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual. Dos autos de fé da inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência, seus autores, pensavam em erradicar para sempre suas ideias (CHARTIER, 2009, p. 23).

O livro, portanto, também é sinônimo de resistência, de artifício que, em um determinado período histórico, pode mobilizar conhecimentos contrários ao modo vigente de se pensar. Destarte, muito embora a história do livro esteja relacionada ao poder exercido pelas classes dominantes, seu uso pode, paradoxalmente, desestruturar as bases ideológicas desse domínio.

A literatura marginal, ao colocar o livro como elemento central em diversos enunciados, fomenta a relação entre tradição e ruptura. Ao longo do processo histórico, a tradição se estabelece na relação do livro com a erudição, o privilégio e o poder, já a ruptura, pelo caráter de (possibilidade de) resistência proveniente do mesmo objeto. Além disso, no enunciado analisado, o livro é aquele que acolhe o corpo caído e que, embora tenha sido baleado, resiste e se liberta das grades que o aprisionam.

Na capa do *ato* II, a folha destacada do livro sob um corpo encobre ou “acoberta” a violência das periferias, mas, em contrapartida, é ela quem dá a mínima dignidade de se ter o corpo coberto. Nesse sentido, a página parece preservar a memória dos mortos, das vítimas da exclusão nas periferias, porque o livro, a história possui “(...) o dom de despertar no passado as centelhas da esperança (que) é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 1996, Tese VII).

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

O sangue que escorre do livro e alcança o corpo caído também retoma a realidade concreta dos sujeitos que estão ligados à literatura marginal, o sangue que sai dos buracos do livro é o mesmo que escorre das periferias. Entre os anos 2002 e 2012, os homicídios, segundo o *Mapa da Violência 2014* (WASELFSZ, 2014, p. 167), cresceram consideravelmente, sobretudo entre a população negra. O aumento de 38,7% reflete a pesquisa domiciliar do IBGE de 2011, que constatou as diferenças de acesso a serviços privados de melhor qualidade, as famílias negras tinham uma renda média de R\$ 1.978,30 e as brancas, de R\$ 3.465,30, ou seja, 75,2% acima.

Traço marcante das periferias, como os dados denotam, a violência está presente na capa da revista e em outros enunciados referentes à literatura marginal; a marginalização da sociedade, nesse ponto, pode ser confundida com a marginalização da vida.

A marginalização efetivada pelo Estado deixa vítimas, mortes e feridas irremediáveis, todavia, a capa da revista propõe claramente que a periferia e os sujeitos vinculados a ela não estão inertes, passivos. A literatura marginal é prova disso, da resistência das periferias por meio do “terrorismo literário”, o qual se vale das palavras para se afirmar frente aos *outros* enquanto manifestação política e cultural. A sigla N.P.N., escrita à direita da capa, é recorrente nos movimentos culturais das periferias; o “Nós Por Nós” é simbólico na luta contra a violência por meio da expressão artística, na afirmação de um “nós” em detrimento do *outro* que, nesse caso, se personifica no Estado e suas instituições.

### *Considerações finais*

O artista, produtor do texto literário e de outras manifestações artísticas e culturais, ocupa um lugar essencial na construção da obra de arte, já que ele, dotado de suas experiências, é o responsável por materializá-las objetiva e historicamente. Enquanto sujeito único, ele possui suas singularidades, todavia não se constitui somente pelo aspecto individual, o artista pertence a um determinado grupo social, possui experiências comuns a esse grupo, partilhando pontos de vista análogos e realidades convergentes. Em contrapartida, o auditório desse artista sabe o que esperar do objeto artístico produzido por esse membro desse grupo social específico. Desse modo, a

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

literatura, assim como todas as outras formas de expressão artística e política, é coletiva. Em uma perspectiva marxista: “(...) não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida.” (MARX e ENGELS, 2002, p. 94)

A opressão, tão presente nos enunciados apresentados, se refere à realidade concreta desses sujeitos; a violência das instituições – a escola, a polícia, o Estado – é produzida por um outro que não dispõe a escutar. Para muito além da violência, o compartilhamento dessa realidade nos enunciados demonstra o fazer literário como forma de engajamento político, assim como a postura desses sujeitos perante o mundo. A resistência ao sistema político, econômico e cultural é evidente e se perfaz por meio da linguagem, da literatura, da poesia.

Aqui nos deparamos com um aspecto intrinsecamente positivo, a identidade da literatura marginal, que se constitui sobre os temas da violência, da exclusão, da miséria e da morte, encontra nestes elementos formas de engajamento, de resistência e de protesto contra o que é. A tragédia social que mobiliza esses autores gera uma visão outra da realidade, marcada pelo cotidiano das periferias e favelas, ganha uma expressividade literária riquíssima, uma forma poética de olhar para o dia a dia, pautada na denúncia e, principalmente, na esperança.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. “Palestra sobre lírica e sociedade”. In: \_\_\_\_\_. **Notas de Literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Editora 34, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F.Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas v. 1). São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias). In: **Revista do Instituto de estudos brasileiros**, nº 8, São Paulo, USP, 1970, pp. 67-89.
- \_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

BARBOSA, Luiza Bedê; SILVEIRA, Bruno Perozzi da; ROMERO; Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. Manifestação literária e exclusão social: dois atos da formação da identidade da Literatura Marginal. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.95-115, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

CAROS AMIGOS. *Literatura Marginal: a cultura da periferia*. São Paulo: Editora Casa Amarela/ Editora da Literatura Marginal. Ato I, 2001.

\_\_\_\_\_. *Literatura Marginal: a cultura da periferia*. São Paulo: Editora Casa Amarela/ Editora da Literatura Marginal. Ato II, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2009.

COMBESSIE, Philippe. **Sociologie de la prison**. Paris: Éditions la Decouverte, 2001. 128 p.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Tradução de Pietro Nassetti-Ed. Martin Claretto – São Paulo, 2007.

FERREIRA, José de Freitas. Cruz, sinal de contradição. *Didaskalia*: Revista da Faculdade de Teologia de Lisboa, Lisboa, v. 14:1-2, p. 3-10, 1984. Disponível em: <<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15106/1/V0140102-003-010.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2017.

IANNI, Octávio (Org.). **Teorias da estratificação social: leituras de sociologia**. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**. São Paulo: Editora Paz e terra, 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo, Boitempo, 2002.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: Uma introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução Ekaterina Américo e Sheila Camargo Grillo, São Paulo: Contexto, 2012.

PONZIO, A. **A revolução Bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2011.

SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras (ensaios)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. A desigualdade social degradada. Entrevista: **Instituto Humanitas Unisinos**, 2007. Disponível online no endereço: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/8866-a-desigualdadesocial-degradada-entrevista-com-roberto-schwarz>, visitado em maio de 2014.

TCHOUGOUNNIKOV, S.O. 2003. Dialogismo e a Paleontologia da Linguagem: o Círculo de Bakhtin na episteme soviética (1920-1930). **Conexão Letras**, n. 1, Linguística/Literatura & Encontros e Pesquisa. Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <http://www.msmdia.com/conexao/3/cap3.pdf>. Acesso em: 06/03/2017.

UNESCO. **Educação em prisões na América Latina: direito, liberdade e cidadania**. – Brasília: UNESCO, OEI, AECID, 2009.

WAINER, P. **Pichação é arte**. Disponível em

<<https://super.abril.com.br/cultura/pichacao-e-arte/>>. Visitado em agosto de 2017.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2014, os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro: Flacso, 2014.

*Recebido em novembro de 2017.*

*Aceito em janeiro de 2018.*